UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CAPANEMA
FACULDADE DE LETRAS

O olhar sobre a identidade da criança negra: uma leitura do livro *O Cabelo de Lelê* e *Amor de Cabelo*

ALANA GANDRA DA LUZ DA SILVA

Capanema
2023

O olhar sobre a identidade da criança negra: uma leitura do livro *O Cabelo de Lelê* e *Amor de Cabelo*

Alana Gandra da Luz da Silva

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Liliane Batista Barros

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo geral analisar de que maneira o livro *O Cabelo de Lelê*, de Valéria Belém, e *Amor de Cabelo*, de Matthew A. Cherry, retratam as questões raciais. Enseja-se analisar nas obras literárias a questão da identidade e da valorização das crianças negras. É do conhecimento geral que as crianças negras sofrem preconceitos relacionados com os seus traços fisionômicos, por não estarem inseridas no padrão europeu. Nesse contexto, o cabelo crespo e cacheado é visto de modo estereotipado, sendo associado, portanto, à dupla significação de ruim e feio. Diante disso, este artigo realiza uma análise dos livros dos autores Valéria Belém e Matthew A. Cherry, a fim de refletir acerca dos preconceitos engendrados ao cabelo afro-brasileiro. Busca-se discutir, ainda, a importância da construção identitária das crianças por meio das obras literárias destinadas ao público infantil e presentes no contexto escolar. Para abordar as questões mencionadas, o aporte teórico utilizado baseia-se em: Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2007), que trarão contribuições a respeito da formação da literatura infantil; Philippe Ariès (2004), o qual aborda a concepção de infância no decorrer dos séculos; Kabengele Munanga (1990), que reflete a respeito da valorização da identidade negra; e, por fim, Antonio Cândido (2007), vislumbrando a literatura como um bem que todos deveriam acessar.

Palavras-chave: Construção identitária; Questões raciais; Literatura Infantil.

INTRODUÇÃO

A valorização e a construção do reconhecimento das crianças negras por meio da literatura infantil são relevantes para nossa sociedade, pois é do conhecimento geral que 56% da população brasileira é negra. Dessa forma, faz-se necessário discutir sobre essa temática desde os primeiros anos de escolarização. Explicitar as origens identitárias das crianças é de suma importância e, para esse fim, o contato com os gêneros literários amplia a imaginação e incentiva os infantes a confrontar a realidade que os cerca. A fantasia auxilia no desenvolvimento do gosto pela leitura. Nesse sentido, a literatura infantil precisa ganhar mais espaço dentro de nossa sociedade, pois ajuda na construção identitária de diversos sujeitos.

Escolhi abordar tais temáticas por ser filha do Quilombo de Bela Aurora, na divisa do estado do Pará com o Maranhão, e representar minhas raízes é motivo de muito orgulho. Ao longo de minha jornada, convivendo na comunidade e observando como se conformam as questões de ensino dentro do quilombo, percebi a ausência da literatura infantojuvenil que retratasse a temática afro-brasileira.

Diante do exposto, esta pesquisa tem como objetivo mostrar de que modo a literatura infantil pode e precisa ser trabalhada dentro do contexto educacional, apresentando as questões raciais e propiciando a construção e a reafirmação de identidades.

Assim, o texto está dividido em duas partes. A princípio, o artigo traz reflexões teóricas a respeito de como foi a constituição da literatura infantil brasileira. Para tanto, autores como Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2007), Philippe Ariès (2004) e Antonio Cândido (2007) foram cruciais para o entendimento. Além disso, os apontamentos de Kabengele Munanga (1990) trazem ponderações a respeito da constituição das identidades e, especificamente, da identidade negra.

A segunda parte do trabalho, consiste na análise das obras literárias *O Cabelo de Lelê*, de Valéria Belém, e *Amor de Cabelo*, de Matthew A. Cherry, ambas produções que versam a respeito da temática negra, apresentando, a seu modo, discussões pertinentes ao escopo do trabalho. Ver-se-á que em *O Cabelo de Lelê* o foco é mostrar como a personagem-título se sente incomodada com o seu cabelo e para entender suas origens, Lelê busca por informações históricas. Em *Amor de Cabelo*, focaliza-se o modo pelo qual a personagem principal, que também é uma criança negra, é feliz com seu cabelo. A obra mostra, também, como a figura do pai é parte fundamental para a constituição da autoestima da criança.

HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

Durante muito tempo, a sociedade não vislumbrou a criança como um ser que precisava de cuidados e se diferia das demais idades, apresentando, portanto, particularidades inerentes à sua condição. A questão educacional para as crianças, dessa forma, não era algo que tinha a atenção dos adultos.

Philippe Ariès (2004, p. 42-43) pontua que, ao longo da história, as crianças não tinham um tratamento que os fizessem se diferenciar dos adultos. Por muito tempo, eram confundidas com os adolescentes e até mesmo com os adultos. Não havia um tratamento distinto para cada uma dessas idades e nem havia separação de idade entre uma e outra. Dessa maneira, muitas crianças foram negligenciadas, chegando até mesmo à morte.

Na Idade Média, no decorrer do século XII, a infância estava ligada a dependência que as pessoas tinham dos mais velhos e não se restringia a idade, conforme se vê a seguir:

> Só se saía da infância ao se sair da dependência, ou, ao menos, dos graus mais baixos da dependência. Essa é a razão pela qual as palavras ligadas à infância iriam subsistir para designar familiarmente, na língua falada, os homens de baixa condição, cuja submissão aos outros continuava a ser total: por exemplo, os lacaios, os auxiliares e os soldados. Um "petit garçon" (menino pequeno) não era necessariamente uma criança, e sim um jovem servidor (da mesma forma hoje, um patrão ou um contramestre dirão de um operário de 20 a 25 anos: "É um bom menino", ou "esse menino não vale nada") (ARIÈS, 2004, p. 43).

O pesquisador salienta que na Idade Média, por volta do século XIII, não havia espaço nenhum para a infância. Até nas representações imagéticas, as crianças eram ilustradas como mini adultos (ARIÈS, 2004, p. 52). No decorrer, ainda, do período medieval, as crianças, por conta da falta de cuidado dos adultos, morriam muito cedo. Havia um problema de mortalidade infantil entre o século XII até o século XVII. Nas representações iconográficas e nas efígies funerárias, as imagens referentes as crianças eram nulas. Assim,

> No primeiro caso, a infância era apenas uma fase sem importância, que não fazia sentido fixar na lembrança; no segundo, o da criança morta, não se considerava que essa coisinha desaparecida tão cedo fosse digna de lembrança: havia tantas crianças, cuja sobrevivência era tão problemática (ARIÈS, 2004, p. 57).

Até mesmo as indumentárias das crianças não se diferenciavam das dos adultos. Elas eram trajadas com as mesmas roupas de seus pais, por exemplo, contando somente com um formato específico para seus tamanhos. No século XVII, entretanto, há uma mudança nesse quesito e as crianças que faziam parte da burguesia ou da nobreza passaram a ter roupas diferenciadas e adequadas para suas idades (ARIÈS, 2004, p. 70).

Com relação a inserção das crianças no contexto escolar, os meninos foram os primeiros a terem contato com o ambiente. Segundo ARIÈS (2004), esse fato se deu no final do século

XVI e início do XVII. Já as meninas, por outro lado, foram ter acesso aos ensinamentos educacionais mais tardiamente.

Quanto à relação da literatura infantil no contexto escolar, será feita uma abordagem a respeito de como essa temática começou a ser introduzida no cenário brasileiro. Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2007, p. 9) ressaltam que os estudos direcionados para a literatura infantil brasileira são bem recentes comparados com os estudos feitos no âmbito europeu.

As primeiras obras literárias dedicadas ao público infantil surgem no início do século XVIII na França. Anteriormente, no século XVII, houve a inserção de histórias que foram denominadas como literatura para crianças, mas que, de fato, em sua gênese, não eram para o público infantil, tais como:

> as *Fábulas,* de La Fontaine, editadas entre 1668 e 1694, *As aventuras de Telêmaco,* de Fénelon, lançadas postumamente, em 1717, e os *Contos da Mamãe Gansa,* cujo título original era *Histórias ou narrativas do tempo passado com moralidades,* que Charles Perrault publicou em 1697 (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 14).

De acordo com as autoras, o escritor Charles Perrault preferia não assinar como autor das obras, pois, como um escritor consagrado na França, não queria seu nome associado a um gênero ainda inaugural. Por conta disso, atribui a autoria ao seu filho adolescente Pierre Darmancourt.

A introdução da literatura infantil não fica somente a cargo dos franceses. Logo depois, os ingleses começam a dar os primeiros passos na produção de uma literatura infantil. Com o advento da Revolução Industrial, a incorporação dessa literatura assume uma conotação econômica e de status social entre a burguesia inglesa em ascensão.

Nessa conjuntura, a criança assume um papel social importante, que antes não se tinha. O contexto industrial fez com que houvesse "o aparecimento de objetos industrializados (o brinquedo) e culturais (o livro) ou novos ramos da ciência (a psicologia infantil, a pedagogia ou a pediatria) de que ela é destinatária" (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 16). O papel destinado à figura da criança é apenas de caráter simbólico, pois o foco era enaltecer o adulto que comandava aquela família.

É no cenário de industrialização inglesa e de solidificação das questões políticas e ideológicas que surgirão os centros educacionais, bem como a incorporação das crianças no contexto escolar. Assim,

> essa obrigatoriedade se justificava com uma lógica digna de nota: postulados a fragilidade e o despreparo dos pequenos, urgia equipá-los para o enfrentamento maduro do mundo. Como a família, a escola se qualifica como espaço de mediação entre a criança e a sociedade, o que mostra a complementaridade entre essas instituições e a neutralização do conflito possível entre elas (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 16)

Lajolo e Zilberman (2007) salientam que a literatura infantil, no âmbito do surgimento na Inglaterra, está atrelada à mercadoria. Nessa relação, a escola torna-se uma intermediária entre a criança que está sendo preparada para o ato da leitura e o consumo dessa produção literária.

É interessante pontuar que após a inserção das obras de literatura infantil na sociedade, começa-se a pensar o que de fato precisa ser escrito para o referido público, tendo em vista que a escrita das obras parte de uma pessoa adulta. Assim, é necessário pensar como se configurou todo esse processo de solidificação da produção literária infantil.

Quando a literatura infantil chega ao Brasil, na Europa ela já tinha se solidificado. No final do século XIX, os autores possuíam um público definido a ser alcançado. Assim, as produções brasileiras apresentam determinadas particularidades locais, mas não deixam de seguir o que era prescrito na Europa, como afirmam Lajolo e Zilberman (2007).

Somente no final do século XIX e no despontar do XX, que a literatura infantil de fato surgirá no Brasil. As produções literárias direcionadas para a infância só começaram a aparecer próximas a Proclamação da República, em 1889. A sociedade brasileira, nesse contexto, estava em um processo de transformação, com a movimentação de pessoas saídas do campo para a cidade, o que, segundo Lajolo e Zilberman (2007), entrelaça-se:

> Sendo, no entanto, os livros infantis e os escolares os que mais de perto nos interessam, cabe justificar a aproximação entre eles, acrescentando que, para a transformação de uma sociedade rural em urbana, a escola exerce um papel fundamental. Como é à instituição escolar que as sociedades modernas confiam a iniciação da infância tanto em seus valores ideológicos, quanto nas habilidades, técnicas e conhecimentos necessários inclusive à produção de bens culturais, é entre os séculos XIX e XX que se abre espaço, nas letras brasileiras, para um tipo de produção didática e literária dirigida em particular ao público infantil (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 25).

O ambiente de urbanização das cidades, bem como a mudança de paradigma trazido com o regime republicano, fez com que houvesse a procura por bens culturais; os livros são, nesse sentido, um desses produtos que a nova burguesia buscará consumir. Passa-se, então, a incentivar a alfabetização das pessoas e a literatura infantil desponta como um elemento de grande importância (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 27).

Vale ressaltar, que a modernização das cidades fazia parte de um projeto governamental e a inserção de livros infantis no contexto educacional também foi incorporada nesse processo.

No mesmo período, surgiu a necessidade de ter uma literatura que fosse direcionada ao público infantil brasileiro, pois o que se tinha eram publicações de traduções portuguesas de obras vindas da Europa, as quais estavam bem distantes da realidade brasileira. Diante disso, há o encorajamento para que sejam produzidas tais obras.

Em suma, percebe-se que a produção literária brasileira direcionada ao público infantil chegou bem tardiamente. A temática negra, nessas produções, em seu início, foi bastante insipiente e extremamente preconceituosa. Dessa maneira, é imperioso que essa temática seja cada vez mais inserida nas produções literárias, bem como nas escolas.

A literatura, diante disso, configura-se como de suma importância para a sociedade em geral. Para a formação infantil, não é diferente. Com base nisso, Antonio Cândido (2007) assevera que as artes em geral devem ser incluídas no rol dos direitos humanos, "assim como a alimentação, a saúde, a moradia, a literatura deveria ser um direito atribuído a todos e tem papel fundamental na humanização da sociedade" (CÂNDIDO, 2007, p. 177).

A TEMÁTICA NEGRA NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Com relação a temática negra nas obras literárias, sua introdução aconteceu muito tardiamente. É somente no século XX que começa a ser mais expressiva essa escrita que valoriza a presença negra. Por conta disso, torna-se urgente a inserção de abordagens que contemplem o negro dentro das produções literárias.

A Lei 11.645/08, criada em 10 de março de 2008, torna obrigatório o ensino da temática indígena e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, com o objetivo de valorizar as diferentes etnias, mostrando as diversidades culturais para os estudantes. Abordar conteúdos, que trazem para a sala de aula a história da África e da cultura afro-brasileira, faz parte de alguns objetivos dos educadores, assim como levar a reflexão sobre a discriminação racial, valorizar a diversidade étnica, gerar debate, estimular valores e comportamentos de respeito, solidariedade e tolerância (SOUZA, 2008, p. 7). Dessa forma, o instrumento da reflexão é imprescindível para a formação de estudantes críticos e reflexivos. Além disso,

> é também a oportunidade de levantar a bandeira do combate ao racismo e às discriminações que atingem, em particular, a população negra, afro-brasileira e afrodescendente. Discutir esse tema junto de nossos alunos, é o primeiro passo na trilha da reconstrução de uma face de nosso passado que ainda precisa ser entendida (SOUZA, 2008, p. 7).

Nesse sentido, a autora traz ao debate a importância de tratar de temas como o racismo e discriminações que afligem, principalmente, a população negra e como esse debate pode ser fundamental para os alunos entenderem não só o passado, mas acrescento que o presente e o futuro também.

Os negros africanos deram uma grande contribuição para o Brasil ser o que é hoje. A partir da diáspora transatlântica, onde foram sujeitados a toda forma de dor e sofrimento, nas terras recém chegadas foram forçados a viver de maneira diferente. Seus usos, costumes e tradições foram readaptados ao novo ambiente,

> misturando-se aos povos que aqui encontraram, esses negros deram origem à mestiçagem que amorenou nossa pele, alongou nossa silhueta, encrespou nossos cabelos e nos conferiu a originalidade de gestos macios e andar requebrado (SOUZA, 2008, p. 7).

Isso nos conduz a pensar a respeito da identidade e da negritude. Kabengele Munanga (1990) afirma que tais palavras começaram a tornar-se mais usadas na sociedade por conta dos movimentos de militância negra, o que possibilitou a inserção dessas discussões em diversos setores sociais, outrora negligenciados.

Com relação ao que se entende por identidade negra, MUNANGA (1990) pontua que, por muito tempo, o negro buscou uma afirmação de sua identidade, tentando mesclar a sua cultura a do branco. Porém, os movimentos de resistência negra e de luta por direitos sociais, mostrou que era necessário haver uma

> retomada de si, isto é, na sua afirmação cultural, moral, física e intelectual, na crença de que ele é sujeito de uma história e de uma civilização que lhe foram negadas e que precisava recuperar. A essa retomada, a essa afirmação dos valores da civilização do mundo negro deu-se o nome de "negritude" (MUNANGA, 1990, p. 111).

O conceito de negritude surgiu na França, no século XX, mais especificamente, na década de 30, porém, já havia indícios do movimento bem antes, a exemplo do período republicano, no Brasil, em que se lutava contra as atrocidades dos brancos para com os negros. A negritude transforma-se num movimento antirracista, em um movimento ideológico-político para a libertação dos negros (MUNANGA, 1990, p. 112).

Sobre a identidade negra, é preciso enfatizar que é uma temática carregada de complexidade, pois envolve diversos fatores, tais como: fatores “históricos, psicológicos, culturais, políticos, econômicos, sociais e ideológicos” (MUNANGA, 1990, p. 112).

A percepção de identidade negra não está dissociada da ideia de “unidade”, a qual está ligada a “diversidade” (MUNANGA, 1990, p. 113). Por mais que se tenha essa noção de unidade, Munanga pontua que algo que é muito comum a todos os negros é a exclusão. Segundo a autora,

> Ser negro é ser excluído. Por isso, sem minimizar os outros fatores, persistimos em afirmar que a identidade afro-brasileira mais abrangente seria a identidade política, de um segmento importante da população brasileira excluída de sua participação política e econômica (MUNANGA, 1990, p. 113).

Assim, o povo negro precisa tomar consciência de que a sua participação na formação cultural brasileira é essencial para a construção da identidade cultural. Porém, é necessário ter consciência que isso não é uma tarefa fácil, pois envolve uma diversidade de fatores. Munanga salienta que é necessário pensar que o processo de construção da identidade negra não está ligado somente a questão de cor. É preciso pensar nas questões culturais e como o negro se coloca e toma consciência como oprimido nessa cultura que tende a enxergar o negro como subserviente.

Quando nossos antepassados, ao incorporaram elementos africanos ao seu cotidiano das lavouras, dos engenhos e das cidades, construíram uma nova identidade e nos legaram o que hoje chamamos de cultura afro-brasileira (SOUZA, 2008, p. 7). Dessa forma, a literatura afro-brasileira, chamada também de literatura negra, destaca-se por abordar temáticas que descrevem e resgatam as diversas identidades e costumes inseridos dentro de uma determinada sociedade. Em outras palavras, a literatura negra é uma "produção literária na qual o sujeito da escrita é o próprio negro" (PROENÇA FILHO, 2004, p. 193).

Por meio da literatura negra, tanto personagens, quanto autores negros e negras fazem uma retomada histórica de seus lugares enquanto seres humanos, com dignidade e integridade, contra o racismo e as diversas discriminações raciais da qual o povo negro é alvo ainda hoje. Portanto, podemos afirmar que a literatura Afro-brasileira abrange uma diversidade imensa no campo da historiografia negra (PROENÇA FILHO, 2004).

Domício Proença Filho (2004) destaca que a literatura brasileira sempre apresentou o negro em suas produções com o olhar estigmatizador e segregado. Os personagens ou até mesmo a menção do negro nos textos eram sempre com preconceito e com o papel daquele que é subalternizado.

Dessa maneira, inserir a literatura infantil com a temática negra é um direito e um bem que todos precisam consumir. Para tanto, é fundamental olhar com atenção como se dão as questões pedagógicas em relação as concepções de temas de diferentes etnias. Inicialmente, é preciso apontar as problemáticas em volta das propostas educacionais. A primeira pergunta que me faço é a seguinte: se perguntarmos aos alunos da educação básica o que eles entendem sobre identidade cultural, será que teremos uma resposta satisfatória sobre o que desejamos ouvir? Diante disso, é que proponho discutir, embora de forma breve, os conceitos de igualdade, de desigualdade, de diferenças, de identidade, de diversidades e de interculturalidade, bem como a maneira pela qual são constituídos nas práticas educacionais.

A escola, por sua vez, é responsável por dialogar com os saberes, com o objetivo de construir uma sociedade mais digna em humanidade. Na contemporaneidade, quantos

indivíduos sofrem por suas fisionomias serem diferentes das demais pessoas? Faz-se necessário não apenas se dispor a dialogar, mas pensar nas formas como serão questionados esses assuntos diante do público infantil. A reflexão constante ajudará os alunos a questionarem até mesmo suas origens. Assim, proponho que se criem dinâmicas com trocas de conhecimento de mundo, instigando-os a falarem de seus costumes e de suas origens; passando a fazer parte, portanto, da valorização de nossas ancestralidades.

Pensar as diversidades de diferentes povos consiste em pensar em todos nós, reivindicar a nossa igualdade, valorizar as nossas conquistas, lutar contra o preconceito. Isso não deveria ser uma luta individual, mas sim coletiva, a qual cabe, também, a escola incentivar cada discente a dizer não ao preconceito que tanto fere a face do nosso próximo.

Sabe-se que a escola é um espaço privilegiado, em que existem variadas manifestações de diferentes grupos raciais, embora passem despercebidas. É diante dos diálogos que as relações entre as culturas se tornam explícitas. Como propõe SANTOS, 2003:

> (...) temos o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito a ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades (SANTOS, 2003, p. 56).

Compreender as diferenças projeta um certo equilíbrio em volta da democracia, independente de qual seja a cultura de um cidadão, todos temos direito à liberdade, à prioridade e à igualdade. No livro *Literatura infantil brasileira*, das autoras Maria Lajolo e Regina Zilberman, destaca-se o seguinte trecho, que define como deve se dar o processo de ligação entre a escola e a arte literária. Nas palavras das autoras:

> Os laços entre a literatura e a escola começam desde este ponto: a habilitação da criança para o consumo de obras impressas. Isto aciona um circuito que coloca a literatura, de um lado, como intermediária entre a criança e a sociedade de consumo que se impõe aos poucos; e, de outro, como caudatária da ação da escola, a quem cabe promover e estimular como condição de viabilizar sua própria circulação (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, P. 17).

Assim, à medida que o consumo de obras literárias é apresentado às crianças, elas vão se apropriando da linguagem e do mundo que as rodeiam; e quanto maior o contato dela com esse mundo, mais facilidade terá em seu processo de aprendizagem.

Direcionaremos, a partir de agora, a nossa atenção para a análise das obras *O Cabelo de Lelê*, de Valéria Belém, e *Amor de Cabelo*, de Matthew A. Cherry, a fim de sintonizar as discussões até então apresentadas aos objetos deste trabalho.

O CABELO DE LELÊ

Figura 1 - Capa do livro O Cabelo de Lelê



Fonte: *O Cabelo de Lelê* (2007).

O livro *O Cabelo de Lelê* foi escrito pela autora Valéria Belém e teve sua publicação em 2007, pela editora Nacional. A obra infantil narra a história de Lelê, uma criança negra, que logo no início da narrativa começa a questionar a respeito do formato de seu cabelo, que é cacheado: "Lelê não gosta do que vê" (BELÉM, 2007, p. 5). Lelê questiona a respeito de seu cabelo ser cacheado. Ela não gosta do formato dele e, por conta disso, tenta ajeitá-lo de todas as formas. Joga-o para um lado e para o outro, mas não consegue organizá-lo da maneira como deseja.

O enredo apresenta a busca de Lelê por estratégias para obter respostas sobre seu cabelo. Depois de muito refletir, ela resolve pesquisar em livros: "Mexe, remexe até encontrar o tal livro, muito sabido, que tudo aquilo pode explicar" (BELÉM, 2007, p.13). Após muitas buscas, Lelê encontra um livro intitulado *Países Africanos*. Este livro fala da história da África, de guerras, mortes, bem como sobre a diversidade de cabelos e formatos. Assim, enfoca a respeito da aceitação dos cabelos crespos.

BELÉM (2007) apresenta diversas ilustrações de penteados e, diante disso, "Lelê gosta do que vê! / Vai à vida, vai ao vento / Brinca e solta o sentimento" (BELÉM, 2007, p.19). Observa-se que Lelê passa a gostar de seus cabelos e não se importa de brincar e andar com eles soltos. Ela "descobre a beleza de ser como é. Herança trocada no ventre da raça, do pai, do avô, de além-mar" (BELÉM, 2007, p. 23).

Figura 2 - Lelê anda de bicicleta feliz e sem se preocupar com os cabelos



Fonte: *O Cabelo de Lelê* (2007).

Após ter contato com a história do seu povo e saber a sua origem, Lelê adquire um sentimento de pertencimento e passa a valorizar o seu cabelo, pois acredita que ele faz parte da sua história e de seu povo. O fato de seu cabelo ser cacheado não a incomoda mais.

É possível observar que a obra *O Cabelo de Lelê* apresenta uma importante conscientização em relação a valorização das diversidades raciais, promovendo, também, a aceitação de uma imagem de si. Na obra, é possível observar essas questões. Lelê tenta a todo momento compreender sua identidade. Nota-se que o livro versa sobre a rejeição do próprio cabelo por parte da personagem negra e a visão que tem sobre si mesma, como a de sua aparência. O cabelo constituía o grande incômodo de Lelê. E é justamente esse elemento fenotípico que metaforiza a complexidade da aceitação identitária. Com o reconhecimento da história por trás do seu cabelo, Lelê situa a sua ascendência e o aceita, como parte fundamental de sua identidade.

Dessa maneira, podemos destacar que conhecer a história, obter informações acerca da nossa origem, é fundamental para que entendamos e nos reconheçamos como pertencentes a determinadas culturas, corroborando na construção de nossa identidade.

Observa-se, na obra supracitada, a contemplação das matrizes afro-brasileiras. Isso é fundamental, pois explicita a importância da conscientização sobre as temáticas negras nas escolas, o que abre espaço para as crianças dialogarem sobre o modo como elas interpretam as diversidades culturais, bem como as experiências construídas por elas em diversos contextos de suas vidas. É por meio dessas escutas atentas que podemos conhecer alguns efeitos importantes das significações presentes nas obras infantis.

A lei 10.639/03 torna obrigatória a inserção, nas redes públicas e privadas de ensino, do estudo da história e da cultura africana e afro-brasileira. No contexto da educação infantil, inserir a literatura é uma das melhores estratégias para se trabalhar com a temática, tendo em vista que a literatura pode trazer discussões que contemplem uma multiplicidade de reflexões, entre elas, a questão cultural e identitária.

AMOR DE CABELO

Outra obra, que é muito interessante de ser utilizada em sala de aula, é *Amor de Cabelo*, de Matthew A. Cherry, que é natural de Chicago, Illinois, EUA. É um reconhecido diretor e escritor. Sua trajetória ficou marcada pela produção do curta-metragem, ganhador do Oscar, *Hair Love* (2019).

Amor de Cabelo narra a história da pequena Zuri. No início, a personagem mostra que seu cabelo tem vida própria, pois se mexe de acordo com duas vontades. Diferentemente da obra *O Cabelo de Lelê*, nesta produção vê-se uma menina feliz e muito satisfeita com seu cabelo. Zuri diz que seu pai elogiou muito seu cabelo, ato esse que a deixa muito orgulhosa. Ela afirma: "adoro que meu cabelo seja tão eu" (CHERRY, 2020, s/p).

Zuri sente-se maravilhosa com seu cabelo. Quando ele está com tranças nagô e com miçangas, ela se considera uma princesa. Em outros momentos, quando está com seus cabelos em formato de puffs acredita ser uma super-heroína. O cabelo da pequena é capaz de muitas façanhas, o que ela diz ser mágica. Assim diz ela: "um dia, Rock e eu estávamos brincando lá fora quando caiu uma chuva. De grande, meu cabelo ficou bem pequenininho. Abracadabra! Tipo assim. Não há nada que meu cabelo não faça" (CHERRY, 2000, s/p).

A obra conta que em determinado dia, a pequena Zuri desperta sozinha, pois o dia será muito especial. Ela acorda, mas tenta não fazer nenhum barulho para que seu pai não acorde também, uma vez que a garota acredita que ele está muito cansado das tarefas diárias.

Figura 3 - Zuri acordando para seu dia especial



Fonte: *Amor de Cabelo* (2020).

Após se levantar, Zuri começa a pesquisar sobre penteados. Ela quer um diferente para o dia especial. Ao despertar, o pai diz que vai ajudá-la, pois para ele não é nada difícil. Na primeira tentativa, Zuri não aprovou o penteado. Nem mesmo anuiu com o segundo. Foram várias as tentativas, mas nenhuma com sucesso. Quando Zuri já estava ficando triste, seu pai teve uma ideia. Preparou-se com as ferramentas certas e não teve erro. Saiu um moicano muito estiloso, o qual teve a aprovação da filha.

Figura 4 - Momento em que Zuri está pronta com seu penteado especial



Fonte: *Amor de Cabelo* (2020).

Como é perceptível na imagem, Zuri coloca sua capa de princesa e fica se sentindo como uma super-heroína. A menina estava radiante para o grande momento, quando chegaria sua

amada mãe. Quando a mãe chegou, ficou encantada com sua filha. A narrativa finaliza enfatizando a importância do amor, ao ressaltar que, "às vezes, o amor ganha forma de tranças, puffs e moicanos afro" (CHERRY, 2000, s/p.).

Essa pequena narrativa mostra como a presença de pais que trabalham a autoestima da criança é importante. Zuri é um retrato de criança que não tem problemas com a forma do seu cabelo; ela conhece a história do seu povo e já tem sua construção identitária fortalecida.

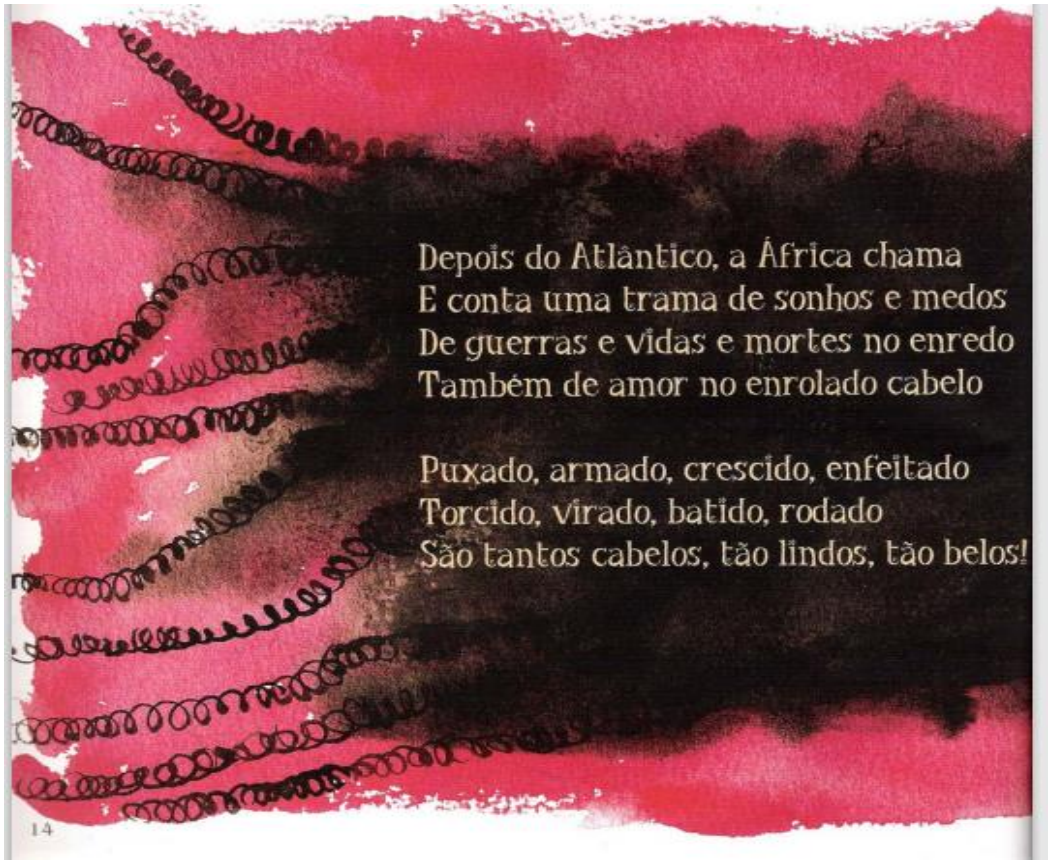
O CABELO DE LELÊ E *AMOR DE CABELO*: UMA BREVE COMPARAÇÃO ENTRE AS OBRAS

As duas obras aqui apresentadas, *O Cabelo de Lelê* e *Amor de Cabelo*, são exemplos de literatura infantil que podem ser inseridas no contexto escolar, servindo para abordar questões raciais, bem como a história do povo africano, o processo de construção de identidade, de autoestima, de valorização da cor, do cabelo e, principalmente, o respeito para com o que é diferente.

Inserir tais temáticas na educação infantil é algo de suma importância, pois contribuirá para a formação de muitos educandos, cuja construção intelectual e identitária está começando. Inserir essas temáticas torna-se algo salutar.

Ao fazer uma análise comparativa entre as duas produções, observa-se que em *O Cabelo de Lelê*, de Valéria Belém, vemos uma narrativa em que prevalece a valorização do cabelo. A personagem principal, Lelê, a princípio não gostava do seu cabelo, tendo em vista que ele era bastante espalhafatoso, o que fazia com que a garotinha se tornasse diferente dos demais. No decorrer do enredo, são apresentados elementos informativos e históricos a respeito da cultura negra. Lelê, então, começa a se questionar o porquê de tantos cachinhos. Na busca por respostas, a personagem incursionou por pesquisas. Nelas, a criança Lelê se descobre de ascendência africana.

Figura 5 - Lelê descobre um pouco sobre sua ancestralidade



Fonte: *O Cabelo de Lelê* (2007).

A procura por informações levou a menina Lelê a uma infinidade de descobertas. Soube que a África é um continente e apresenta muitos países e etnias. Cada um deles com seus povos, suas formas diferentes de cabelos e tons de pele. Com esses conhecimentos, ela começa a aceitar seu cabelo e ter uma melhor relação com seu formato.

As duas obras, trazem abordagens bem ricas com relação à temática negra na literatura infantojuvenil. No entanto, acredito que a produção *O Cabelo de Lelê* apresenta uma abordagem que se aproxima melhor do que de fato acontece com as crianças que são negras e que não aceitam a forma do seu cabelo.

A personagem Lelê, inicialmente se enxerga diferente das demais crianças, por conta do seu cabelo. Assim, não gosta dele. Com o passar do tempo e com os conhecimentos que adquire com os livros, Lelê passa a amá-lo, bem como a valorizar a sua história e a de seus antepassados.

A outra obra, *Amor de Cabelo*, de Matthew A. Cherry, traz uma abordagem que caminha por um viés diferente, pois é perceptível que explora as mais diversas maneiras de usar o cabelo enrolado, porém, não há uma abordagem a respeito da história dos negros, a qual possa mostrar

a importância e a valorização da cultura afro. No entanto, a qualidade e a importância da obra não ficam a desejar.

É interessante pensar que estamos falando de dois autores com origens diferentes. A autora de *O Cabelo de Lelê*, Valéria Belém, é brasileira e imprime em sua obra informações condizentes com a luta por espaço e pela valorização da cultura negra no Brasil.

O cabelo é um dos mecanismos de resistência da população negra. Usar seu formato natural, com suas diversas curvas e formas, passou a ser utilizado também como uma arma de luta. Isso é bastante perceptível no decorrer do livro de Belém (2007).

Amor de Cabelo, de Matthew A. Cherry, por outro lado, apresenta uma perspectiva diferente. Na narrativa, vemos a pequena Zuri buscando fazer uma diversidade de penteados no cabelo, mas não apresenta uma preocupação para com o jeito do seu cabelo. O livro direciona-se mais para mostrar como o seio familiar é algo fundamental para a construção da autoestima da criança, a qual é retratada na obra. O autor da narrativa, como já foi destacado anteriormente, é de uma região dos Estados Unidos. Lá, no entanto, o cabelo não é uma arma de luta, como no Brasil.

Em *Amor de Cabelo*, o pai configura-se em uma peça fundamental para que a filha construa uma autoestima sólida. A menina Zuri em nenhum momento questiona se o seu cabelo será considerado feio ou se será alvo de olhares atravessados. Ela simplesmente busca explorar como a família retratada na narrativa é feliz e vive sua negritude, portanto, da melhor forma possível.

Observa-se, também, que em *O Cabelo de Lelê*, as imagens postas no decorrer do livro apresentam a garotinha Lelê com seus longos cabelos espalhafatosos, justamente para mostrar como é o seu cabelo e os motivos pelos quais ela se sente incomodada com ele.

Em *Amor de Cabelo*, há a presença de imagens, o foco, no entanto, não é no cabelo, mas em mostrar o quanto Zuri é feliz com sua família e com as diversas possibilidades de penteados. O pai aparece como peça fundamental para que a criança se sinta valorizada em todos os seus aspectos.

Em suma, as duas produções literárias são ricas e exploram com muita maestria a temática negra e ambas podem ser utilizadas dentro do contexto educacional.

CONCLUSÃO

As questões raciais e identitárias são temáticas muito caras e urgentes para o público infantojuvenil. Trazer obras literárias que apresentam para as crianças personagens negras e, que de certa maneira as representam, é algo fundamental.

Ao longo da formação da literatura brasileira, o negro sempre foi contemplado, nas produções, como um ser subalternizado e inferior. A duras penas essa forma de retratá-lo foi mudando e ainda precisa de muitas alterações no cenário literário e educacional.

Introduzir leituras como *O Cabelo de Lelê*, de Valéria Belém, e *Amor de Cabelo*, de Matthew A. Cherry, são formas de incorporar, dentro das aulas, informações a respeito da cultura afro-brasileira e desmistificar alguns estereótipos. É possível trabalhar a valorização do cabelo crespo e enrolado, pois muitas crianças têm tal formato de cabelo. É possível, também, trabalhar o respeito para com o diferente e a valorização da identidade negra. Em suma, são diversas as possibilidades.

A literatura, como bem já pontuou Cândido (2007), é um bem que a humanidade deveria ter acesso. Dessa maneira, acredito que é urgente trazer a literatura para dentro das salas de aulas logo nas primeiras séries. Precisamos formar crianças fortes, informadas e que respeitem a cultura afro-brasileira.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2ª ed. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC, 2014.

BELÉM, Valéria. **O Cabelo de Lelê**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

CÂNDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2007.

CHERRY, A. Matthew. **Amor de Cabelo**. Tradução de Nina Rizi. Editora Galera Record, 2020.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil Brasileira: histórias & histórias**. 6ª ed. São Paulo: editora Ática, 2007.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude afro-brasileira: perspectivas e dificuldades.** Revista de Antropologia, [S. l.], v. 33, p. 109-117, 1990. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111217. Acesso em: 18 julho de 2023.

PROENÇA FILHO, Domício. **A trajetória do negro na literatura brasileira.** Estudos Avançados, v. 18, n. 50, p. 161-193, 2004. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9980. Acesso em: 07 de setembro de 2023.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Reconhecer para libertar:** os caminhos do cosmopolitanismo multicultural. Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SOUZA, Marina de Mello e. **África e Brasil Africano.** São Paulo: Ática, 2008.